

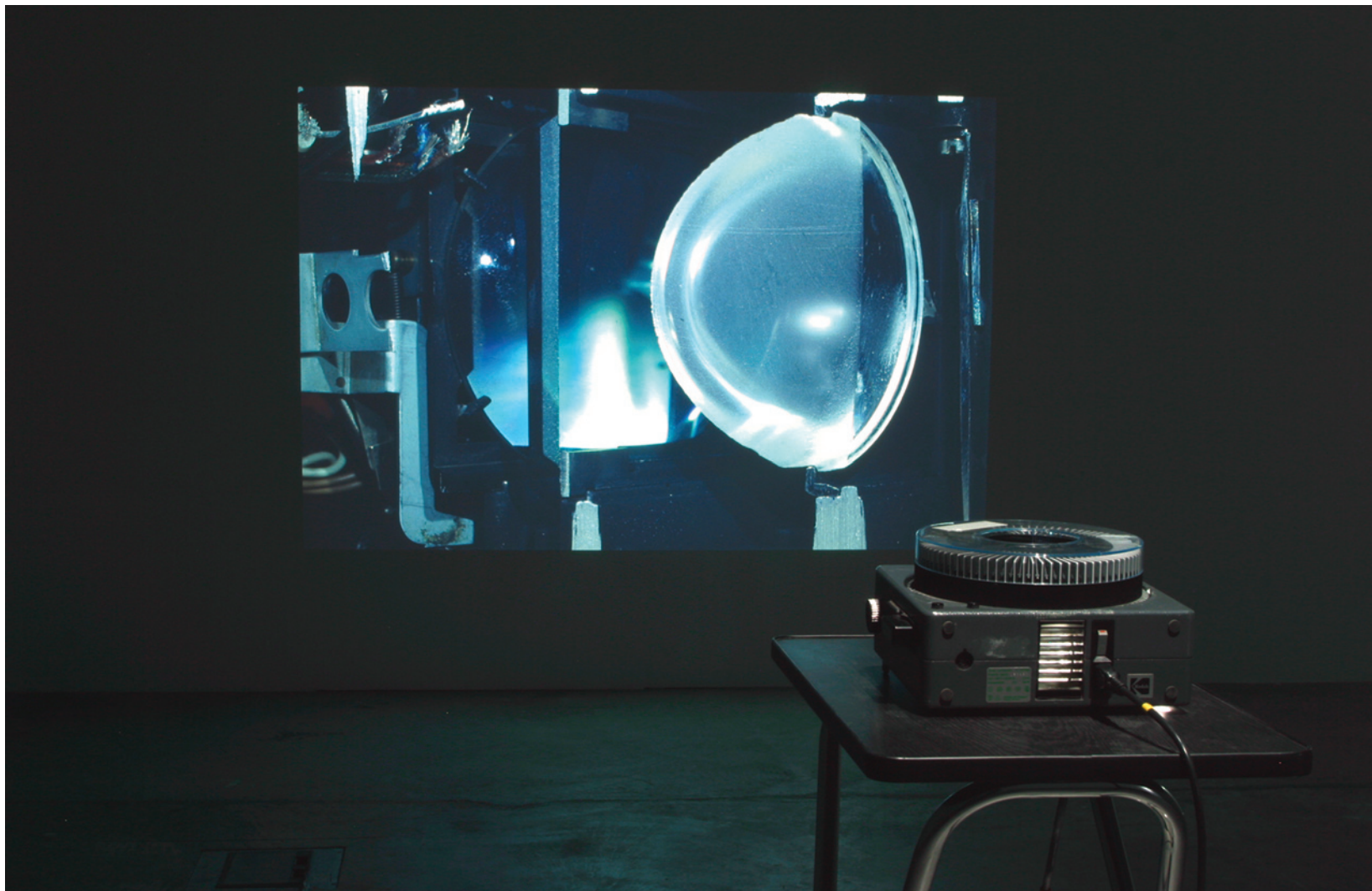
# Alexander Gutke

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

*Culturgest*

Lidando com modos de reprodução, auto-reflexividade e cinema, a obra de Alexander Gutke pode caracterizar-se como um romantismo analítico ou até um materialismo místico. O artista investiga analiticamente a composição de dispositivos de projecção, como câmaras e projectores de diapositivos, valorizando os seus mecanismos escondidos enquanto espaços férteis para a imaginação. Contudo, o seu interesse nas condições materiais de reprodução vai para além da simples materialidade; o seu olhar perscrutador evoca algo maior e inexplicável.

Alexander Gutke vive e trabalha em Malmö, uma pequena cidade do sul da Suécia em que só a próspera cena musical rivaliza com o activo mundo da arte. Proveniente de Alafors, na Suécia ocidental, Gutke frequentou a escola de arte em Malmö e, tal como muitos dos seus pares, por ali ficou depois de se ter licenciado. Para além da estadia de dois anos em Berlim, habitual para os escandinavos, e de uma mão cheia de residências na Europa, Gutke manteve-se por território sueco. Apesar de estes detalhes biográficos poderem esclarecer a prática de Gutke - por exemplo, o seu interesse pela música, estimulado por Malmö e Gotemburgo,



Exploded View, 2005  
Fotografia: Raymond Hejdström  
Cortesia Galeria Gregor Podnar, Berlín/Ljubliana

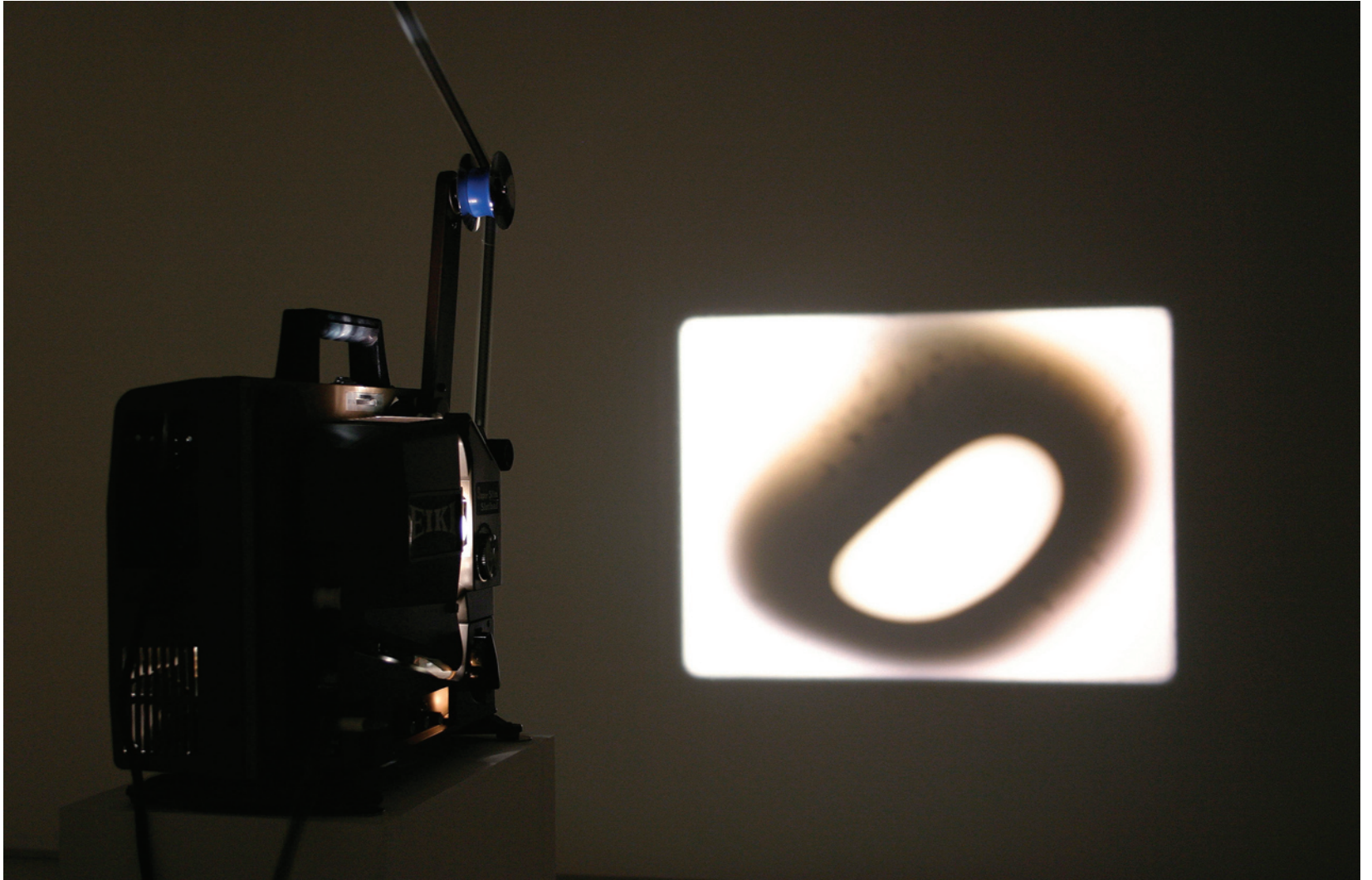
que definitivamente influencia aquilo que o artista faz (foi baterista na juventude) – talvez seja melhor procurar analisar as questões centrais do seu trabalho à luz do próprio trabalho, começando pela auto-reflexividade, um dos motivos formais e conceptuais subjacente a muito do trabalho de Gutke.

Remontando a Clement Greenberg e à sua definição de modernismo, a auto-reflexividade ou auto-referencialidade é um tropo intimamente ligado à noção de autonomia. Nos termos de Greenberg, a auto-reflexividade era uma questão de auto-crítica, que se manifestava na arte avançada pela erradicação de tudo o que não era específico ao próprio *medium* ou meio de expressão. “Desse modo”, nas célebres palavras do decano da pintura modernista, “poderia cada [meio de expressão] tornar-se ‘puro’, e na sua ‘pureza’ encontrar a garantia dos seus parâmetros de qualidade, assim como da sua independência. ‘Pureza’ queria dizer auto-definição, e o empreendimento de auto-crítica nas artes tornou-se uma questão de auto-definição com uma vingança.” Desembaraçado de quaisquer referências a outra coisa que não ele próprio, o objecto de arte atinge a auto-suficiência por si definida, também conhecida por autonomia. Parece não necessitar de nada nem de ninguém para além de si próprio, existindo numa espécie de bolha feliz, ainda que historicamente esclarecido. Este tema formal foi mais tarde abordado literalmente nas tautologias de artistas conceptuais como Joseph Kosuth, *Art and Language* ou John Baldessari, e posteriormente transferido para modos de reprodução por artistas como John Hilliard em obras como *Camera Recording its Own Condition (7 Apertures, 10 Speeds, 2 Mirrors)*, de 1971, na qual Hilliard fotografou a sua própria câmara (num espelho) usando diferentes velocidades e aberturas do diafragma. Tomando Greenberg à letra, Hilliard voltou o *medium* para si próprio, de tal modo que ele se tornou simultaneamente o *medium* e o assunto da obra, criando assim um sistema fechado que leva a situação até ao seu ponto de ruptura.

Baseando-se nessa tradição, uma boa parte das obras de

Alexander Gutke levam, de facto, a auto-reflexividade e a autonomia ao seu ponto de ruptura, e para além dele. A sua obra mais conhecida dentro desta linha, *Exploded View* (2005), apresenta-se também como uma sùmula quase perfeita de todas as preocupações do artista. Este exercício narcisista de precisão consiste num projector de diapositivos de carrossel Kodak que projecta numa parede 81 imagens das suas próprias entranhas postas a descoberto. Gutke recorreu a um técnico que, lenta e cuidadosamente, serrou o projector, removendo cada secção como um segmento. O artista fotografou cada nova secção, documentando toda a progressão milímetro a milímetro. Os resultados desta operação são então projectados por um projector do mesmo modelo; as incisões revelam arames, as peças e partes de metal e plástico fendido. Sem encerrar o circuito fechado da sua própria autonomia, *Exploded View* leva o processo de auto-reflexividade ao ponto de colapso, atingindo o limite em que este está prestes a desabar sobre si próprio, ficando suspenso num fascinante estado de tensão. Paradoxalmente, apesar da sua natureza absolutamente material, e em virtude desse sentido de suspensão, esta peça assume uma natureza etérea, incorpórea, como se estivesse simbolicamente a flutuar no espaço. Consequentemente, a obra parece habitar dois planos de existência ao mesmo tempo: o material e o etéreo; parece estar permanentemente aprisionada num estado de transição, sendo o agente da sua própria extinção, ao mesmo tempo que actua como o sistema que a mantém viva. Como tal, a obra tanto promete a transcendência como, com o mesmo rigor, a contrária.

*The White Light of the Void* (2002) aborda preocupações idênticas em termos mais tradicionalmente transcendentais. Esta obra é uma animação transferida para película de 16 mm e apresentada como uma instalação de filme. De início vazia, a projecção parece não dar lugar a nenhum acontecimento, até que subitamente o filme parece começar a saltar e ficar preso no projector, altura em que a lâmpada queima o celulóide produzindo uma forma



The White Light of the Void, 2002  
Fotografia: Ann-Katrin Blomqvist  
Cortesia Galeria Gregor Podnar, Berlín/Liubliana



semelhante a uma amíeba que se expande a partir do centro da imagem, engolindo-a e devolvendo o filme à imagem branca, intacta, do início, o ponto em que o ciclo se reinicia. A instalação do filme é acompanhada de um elaborado sistema de enlace, disposto de forma caligráfica atrás do projector, de modo a sublinhar a materialidade da fita de celulóide.

O título de *The White Light of the Void* provém de um texto de Timothy Leary em que o sumo-sacerdote do LSD faz referência ao *Bardo Thodol*, mais conhecido no Ocidente como *O Livro Tibetano dos Mortos*. Na cosmologia do livro, um “*bardo*” é considerado um estado de existência intermédio, entre a vida e a morte, um não-espaco transitório, ou purgatório entre “vidas”. Ao falar de *The White Light of the Void*, Gutke expressa um fascínio pela ideia de uma ocorrência aparentemente singular e irrepitível ser repetida. É como se um pequeno desastre estivesse a reincarnar incessantemente, ou o “Eterno Retorno” de Nietzsche estivesse a ser posto em marcha num processo elementar, inorgânico, à maneira do cinema estruturalista com uma literalidade absurda. *Bardo* sucede-se a *bardo*, e uma alegoria, na qual a transitoriedade leva à transitoriedade, é, por assim dizer, trazida à luz do dia.

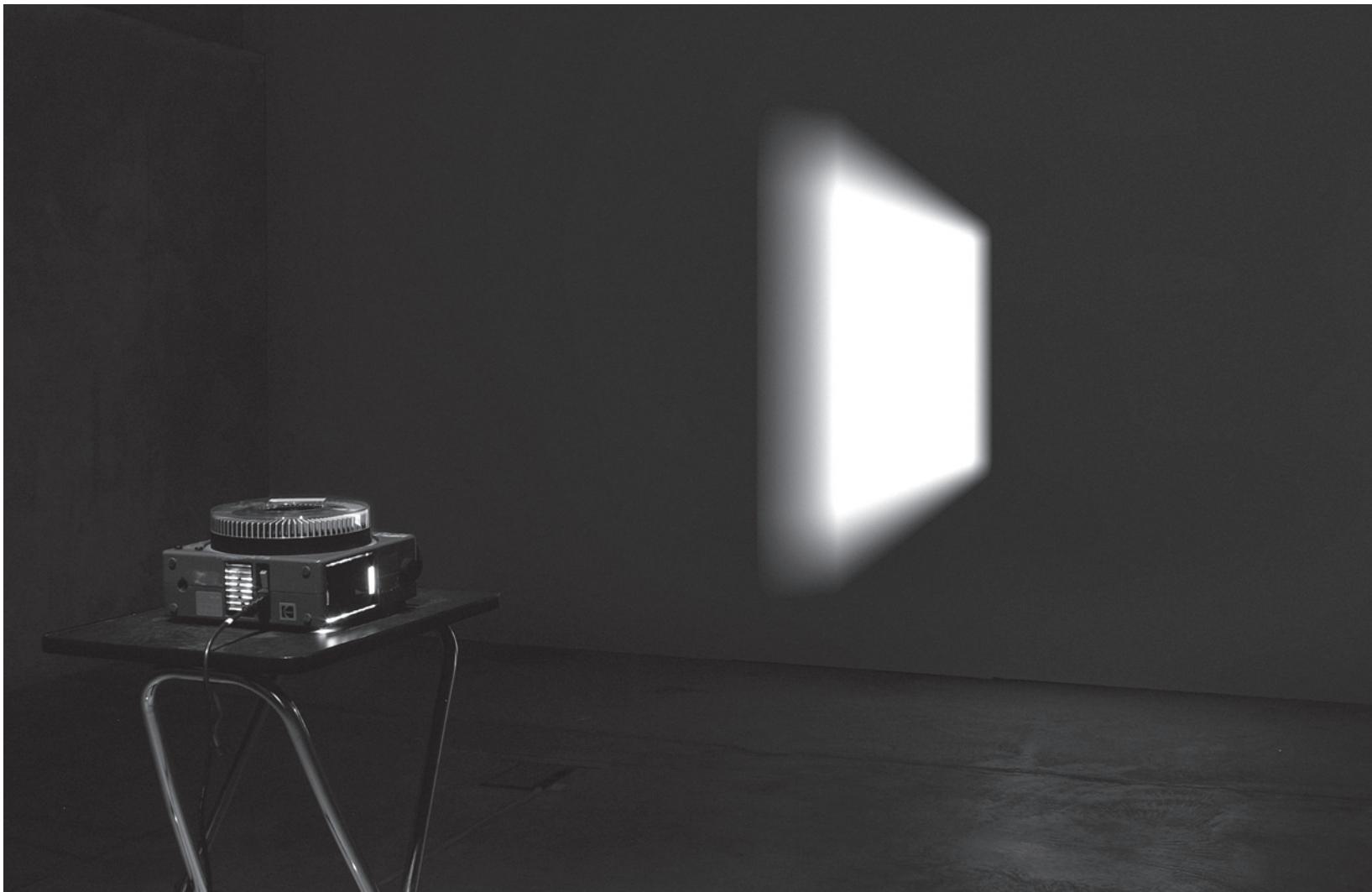
A projecção de diapositivos *Lighthouse* (2006) opera numa lógica circular semelhante e infernal (não haverá qualquer coisa de infernal, ao fim e ao cabo, na circularidade inexorável do circuito fechado?). Nesta peça, um rectângulo branco projectado faz uma rotação progressiva como se reconstituísse a viagem de um único diapositivo em torno das 81 ranhuras de um carrossel de projector de diapositivos. Criando a ilusão de espaco na parede, lembrando o espírito muito particular de Jan Dibbets e as suas ilusões de janelas criadas com fita adesiva, a rotação da janela do diapositivo poderia ser comparada à rotação do feixe de luz de um farol.

É difícil negar a presença material desta peça e a sua capacidade singular de criar espaco na parede, contudo o seu poder de sugestão material é igualmente inegável, sublinhando, uma vez mais, o dualismo subtilmente doseado das preocupações de

Gutke. Imperturbavelmente “aqui”, no sentido material, a obra também torna presente um “ali” místico, o que poderia caracterizar uma série infindável de dilemas existenciais, desde a “busca espiritual” até ao desejo artístico de afirmar e transcender ao mesmo tempo o “eu” através do acto da criação, passando pelo desejo de articular o indizível com meios materiais tão reduzidos.

Em *Subtraktion* (2007) a lógica da auto-reflexividade quase explode sobre si própria, e ao fazê-lo cria uma janela simbólica. Nesta peça, a frase “all the colors of the dark” (“todas as cores da escuridão”) é repetidamente carimbada sobre um pedaço de papel usando as cores primárias subtractivas, ciano, magenta e amarelo, até que o excesso de cor cria uma mancha quase negra. Ao saturar a folha de papel branca de cor, Gutke subtrai gradualmente a luz da sua superfície, criando efectivamente todas as cores da escuridão. Este trabalho sobre papel introduz um novo *medium* na prática artística de Gutke, dominada pelo filme e pela projecção, e fá-lo com uma deferência estética: apesar da sua natureza seca, repetitiva, quase mecânica (carimbar uma única frase), *Subtraktion* vibra com um grau de textura em que sugere um empastamento ilusório e um espectro de cores matizado. Também existe algo de invocatório neste trabalho, como se o gesto ritual de carimbar tivesse conjurado a escuridão (a propósito, a frase inscrita neste trabalho origina do título de um filme de terror acerca de adoradores do diabo realizado por Sergio Martino em 1972, que em italiano se chama *Tutti i colori del buio* [Todas as cores da escuridão].) Através deste processo de adição, dá-se a produção negativa de uma janela ou um buraco, de modo que o processo se recolhe literalmente para dentro de si próprio enquanto descreve o acto da sua própria realização. A acumulação material do trabalho conduz à sua própria dissolução simbólica e ricamente invocativa. De certo modo, *Subtraktion* poderia ser visto como o complemento de *The White Light of the Void*.

A escultura *Camera* é uma maquete em aço do estúdio cinematográfico de Thomas Edison, também conhecido pelo sinistro



**Lighthouse.** 2006  
Cortesia Galleria Gregor Podnar, Berlin/Ljubljana

nome de “Black Maria”, construído em West Orange, New Jersey, em 1893, e que foi também o primeiro estúdio de cinema do mundo. Gutke cobriu a maquete com uma emulsão fotográfica, transformando desse modo o modelo num negativo exposto à luz que absorve o ambiente circundante como um buraco negro. *Camera* é uma alegoria de enormes proporções, reflectindo a um tempo a absorção e a produção de realidade pelo cinema, pois este singelo edifício é paradigmaticamente responsável pela mudança do modo como o mundo se via a si próprio. Onde *Subtraktion* absorve a luz, *Camera* absorve o mundo que a rodeia, deixando o espectador a pensar em que grau e sob que forma nos é devolvida a realidade que nos é tomada.

O filme de 16 mm *Solo* (2004), com a duração de 1 minuto e projectado em repetição, mostra uma baqueta rodopiando no ar, no palco vazio de uma sala de concertos, à medida que é circundado pela câmara que o filma, num movimento rotativo de 360 graus. Aparentemente sofisticada do ponto de vista técnico, esta obra foi criada pelo artista com meios muito rudimentares, filmando fotograma a fotograma num modelo construído no seu *atelier*. Imagina-se o momento em que um baterista em plena actuação atira a sua baqueta, e tudo – a banda, a multidão, o fumo – não apenas pára, como desaparece, instalando-se um silêncio de espanto. É como se a baqueta, qual varinha mágica, tudo tivesse feito desaparecer ou tudo tivesse absorvido milagrosamente, usurpando de forma hipnótica o espectáculo.

É em *Cine-Scope* (2008) que todas as preocupações incorporadas em *Exploded View* parecem culminar. Esta projecção de Vídeo de alta definição e de grandes dimensões é uma animação repetida incessantemente, na qual um pedaço de celulóide parece ter sido ampliado a um nível quase microscópico, de forma que o espectador parece penetrar a lâmina da tira de filme. Combinando meticulosamente riscos reais num pedaço de celulóide de 16 mm com marcas e pó animados, Gutke gera a sensação óptica de se estar a atravessar uma floresta de marcações e sombras verticais.

*Cine-Scope* conjuga a austeridade lírica de *The White Light of the Void* com o *pathos* resolutivo e microcómico de *Exploded View*, para produzir um *bardo* cinematográfico de uma ordem sublime. Na projecção de Gutke, a textura forma-se e expande-se no espaço, sugerindo uma experiência onírica, semelhante ao transe. A beleza divina de *Cine-Scope* irradia o sentido de salvação plástica latente na obra do artista, mas permanece, ainda assim, num estado de purgatório, pois nunca atravessa o celulóide em direcção a um qualquer “além”. O material cede a um sentido do espiritual, sem nunca abdicar da sua materialidade.

Um tal estado de coisas poderá parecer ilustrar uma crise existencial à maneira de Beckett – uma espécie de vontade frustrada de se dirigir a um “além” inacessível. Mas isso sugeriria, segundo a mesma perspectiva, uma espécie de falhanço formal, conceptual ou até espiritual, ou então uma espécie de resignação por parte do artista, o que não é o caso.

Apesar da sua simplicidade, a obra de Gutke é fecunda, plena de um silêncio opulento e de múltiplas possibilidades. Produto de uma extrema economia de auto-reflexividade, aquilo que ele faz é fabricado com perícia e precisão. O impulso de citar estratégias do filme conceptual e estruturalista é menos uma questão de estratégia do que de sensibilidade, o que é em si mesmo um simples ponto de partida para preocupações mais profundas. Gutke incorpora o legado da arte conceptual, sem cair na paródia nem na mera citação. A sua sensibilidade meticulosa e poética é a de um contador de histórias, cuja metodologia se aventura no sublime.

Chris Sharp



## Exposição

### Curadoria

Chris Sharp

### Coordenação de produção

Susana Sameiro

### Montagem

Bruno Fonseca

Francisco Garcia

Jaime Silva

Luis Figueiredo

Luis Magalhães

Mauro Cerqueira

Renato Ferrão

Ruben Freitas

Vítor Costa

## Jornal de Exposição

### Texto

Chris Sharp

### Coordenação

Maria Ana Freitas

### Design

Gráficos do Futuro

### Pré-Impressão, impressão e acabamento

Maiadouro

© 2009, Fundação Caixa Geral  
de Depósitos - Culturgest, Lisboa

© das obras reproduzidas: o artista;  
das fotografias e do texto: os autores

## Conversa com Alexander Gutke e Chris Sharp

Sábado, 17 de Janeiro, 17h00

Galeria aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45). Encerra aos domingos e feriados.

Galeria do Edifício da CGD, Avenida dos Aliados 104, Porto · Informações: 22 209 81 16 · [culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

**17 Janeiro - 4 Abril 2009**

---